

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2003. 240 p.

BOSCH, Philippe Van den. **A filosofia e a felicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 274 p.

CRESSON, André. **Aristóteles**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1943. 106 p.

MONDIN, Battista. Os filósofos do ocidente In: \_\_\_\_\_. **Curso de Filosofia**. 9 ed., São Paulo: Paulus, 1999. 289 p. v.1.



## CONCLUSÃO

Depois de analisar a felicidade em Aristóteles, conclui-se que não é sem motivo que se parece ter procurado fazer uma idéia de soberano bem, ou da felicidade, na base dos diversos gêneros de vida.

Assim parece que o bem perfeito ou absoluto deva bastar-se a si mesmo, mas por esta forma de falar “bastar-se a si mesmo”, não entendemos simplesmente viver apenas para si e em inteiro isoladamente, mas antes viver para os seus pais, os seus filhos, a sua mulher, e, genericamente, para os seus amigos e para os seus concidadãos, visto que, em função da sua natureza, o homem é um ser sociável. Contudo, esta proposição deve ser entendida dentro de certos limites: porque, se a tornássemos extensiva às anteriores gerações, à posteridade e aos amigos de nossos amigos, isso não mais pararia, iria até ao infinito.

Pela condição de bastar-se a si mesmo, entendemos aqui um gênero de vida, que, por si só, sem quaisquer outros recursos, satisfaça todas as necessidades. A felicidade é aquilo que há no mundo de mais desejável, independentemente de tudo o que se lhe pudesse acrescentar, é evidente que a adição do mais pequeno de todos os bens deve torná-la ainda mais desejável.

*“Pode, pois, dizer-se, que a felicidade é qualquer coisa de perfeito e que se basta a si mesmo, visto que é o fim de todos os nossos atos” (CRESSON, 1943, p.71).*

Se a obra do homem é uma atividade da alma, atividade conforme a razão, e se pode afirmar que, para além de ser uma obra do homem em geral, ela pode ainda ser a do homem de bem: daí resulta que o bem do homem é a atividade da alma orientada pela virtude, caso haja diversas virtudes, por aquela que seja a mais perfeita, para além disso se deve inserir numa vida perfeita.

*“Porque (como é proverbialmente dito), uma andorinha não faz a primavera, tal como um só dia a não faz, do mesmo modo, um só dia ou um tempo demasiado curto não basta para tornar um homem completamente feliz” (Ibidem, p. 72).*

um ser não gerado, incorruptível que é puro pensamento, e pensamento de si mesmo, e que convém chamar de Deus, afirmando sua unicidade.

A vida ideal do homem não poderia consistir numa vida puramente contemplativa, que só conviria a um puro espírito e não a um ser encarnado.

A existência humana consumada só pode ser uma vida mista, segundo a fórmula já empregada por Platão, a um só tempo contemplativa e ativa. Mas, embora possamos sentir alguma satisfação pelas virtudes morais que exercemos no seio da vida ativa, esta última não passa de um meio que visa ao verdadeiro objetivo, que é a vida contemplativa, que é a única que pode proporcionar-nos a verdadeira felicidade, conforme à nossa natureza e às aspirações profundas de nosso ser (Bosh, 1998, p. 199).

ele vale, e que merece poder e honrarias, mas tem consciência que não necessita delas para ficar contente consigo mesmo.

O homem, para ser feliz, necessita de certa folga financeira e de lazer para poder dedicar-se à contemplação. Mas, quando há problemas, pode encontrar em sua magnanimidade o que o faz suportar de coração leve as vicissitudes da existência, obtendo um contentamento com sua própria virtude e com sua força de caráter (BOSCH, 1998, p.197).

## 2.8. Sabedoria e virtude

Para Aristóteles, a sabedoria ou a virtude no homem é dupla, assim como o homem possui duas dimensões, corporal e espiritual, e dois tipos de vida: a vida prática e a vida teórica ou contemplativa. Digamos que a *phronésis* é a sabedoria prática do homem na medida em que deve agir e escolher a ação certa. Chamam-na também de prudência ou de virtude moral. Ela consiste em geral em saber escolher o meio exato entre dois extremos, como a verdadeira coragem se situa entre a temeridade louca e a covardia. A *sophia*, por sua vez, é a verdadeira teórica, que ensina ao homem a arte da contemplação do verdadeiro. "*A Sophia é a verdadeira sabedoria, que se identifica com a filosofia e proporciona ao homem a verdadeira felicidade*" (*Ibidem*, p.198).

## 2.9. A contemplação metafísica

A contemplação, o conhecimento e a compreensão do mundo se realizam na filosofia, muito particularmente, naquilo a que chamaram a metafísica, e que Aristóteles denomina "filosofia primeira", "ciência do ser enquanto ser", "ciência dos primeiros princípios e dos fins últimos". Com efeito, a metafísica deve conseguir apreender o princípio primeiro de todas as coisas e a finalidade que ele introduz no universo. Aristóteles estabelece que há uma causa primeira do mundo, um ser eterno produtor da temporalidade,

*"Às vezes o prazer vem juntar-se a isso, quando minha atividade rende algum sucesso, mas é apenas um acompanhamento, não é nem o objetivo da ação nem o componente essencial da felicidade"* (Bosch, 1998, p. 191).

## **2.6. A escravidão**

Aristóteles entrevê toda uma série de condições políticas para a felicidade. Segundo ele, é impossível ser feliz, se não se é livre, se se é impedido de dedicar-se a uma atividade verdadeiramente humana. Os trabalhadores, os artesãos, os escravos não podem alcançar a felicidade. Aristóteles justifica a escravidão por sua antropologia não igualitária, porque não são capazes de dirigir-se corretamente por si mesmos na vida. Portanto, cumpre coagí-los ao trabalho para que ao menos sejam úteis e não perniciosos. Tais concepções chocam a mentalidade moderna, pois esta sustenta que todos os homens são iguais em direito e em dignidade.

*"De qualquer modo, a afirmação de Aristóteles de que apenas pode ser feliz o homem que é verdadeiramente livre, que pode escolher sem coerção seu modo de vida, parece dificilmente contestável"* (Ibidem, p. 194).

## **2.7. A magnanimidade**

Poderíamos inquietarmo-nos com o conjunto das condições necessárias para a felicidade: gosto pela contemplação intelectual, lazer, poder, riqueza, etc. Isto não será difícil de obter e de conservar? A felicidade pode ainda ser um estado estável e duradouro se depende de todos esses bens que me podem ser tirados por tantos acontecimentos? Aristóteles nos traz uma resposta: minha felicidade depende essencialmente de uma virtude toda interior, a que ele chama a magnanimidade. Quer dizer uma certa estima de si mesmo, uma consciência do valor pessoal que permite desprezar a fortuna, as honrarias, quando se é privado delas. O magnânimo sabe o que

### **2.3. A felicidade na atividade conforme à minha natureza**

A verdadeira felicidade deve encontrar-se numa certa atividade. Se é claro existir a felicidade. Mas qual atividade? Uma atividade que seja a finalidade do homem, sua meta, seu objetivo, que seja a realização de sua natureza, ou ainda a consumação de sua essência, daquilo que define o essencial de seu ser.

Mas qual é a natureza do homem? Não é essencialmente a de agir, nem a de desejar, pois isso os animais também o fazem, responde Aristóteles. A natureza do homem deve residir naquilo que é a peculiaridade do homem, naquilo que é o único a possuir. Ora, o que é a peculiaridade do homem é pensar. Apenas ele o pode. A natureza humana é, pois, ser pensante (Bosch, 1998, p. 187).

### **2.4. Alegria do conhecimento**

Podemos sustentar com todo o direito que o pensamento é a atividade essencial e a natureza do homem.

Certo prazer vem acompanhar a atividade de conhecimento, sobretudo quando ela alcança seu objetivo, por exemplo quando encontro a solução de um problema, quando compreendo algo novo. Com efeito, o conhecimento vem preencher um desejo fundamental do homem.

*“Todos os homens desejam naturalmente saber”* (Ibidem, p. 190).

### **2.5. Prazer efêmero e satisfação profunda**

O conhecimento é fonte de verdadeiro prazer. Mas não é o acúmulo desses prazeres que constitui a felicidade. A felicidade provém de uma satisfação mais profunda, que não exclui a dificuldade de certos esforços, o sofrimento das preocupações e das lutas inerentes à condição humana. A felicidade reside no sentimento de que eu estou avançando na direção certa, que desenvolvo meu ser em conformidade com sua essência.

## CAPÍTULO II A SABEDORIA SUPREMA

### 2.1. Atividade da felicidade

A felicidade, o estado de satisfação total de meus desejos, continua mesmo assim a parecer-me inacessível. As diferentes sabedorias ensinam-me que não devo tentar satisfazer todos os meus desejos tais como os sinto espontaneamente, mas que preciso efetuar um esforço sobre mim mesmo para eliminar alguns deles. No entanto, não devo eliminar todos os meus desejos, pois me limitaria a escapar à infelicidade e não alcançaria uma felicidade positiva, ademais, pagaria isso à custa do aniquilamento de meu ser, o que não é uma solução invejável.

A experiência da vida deve ensinar-me que os verdadeiros objetos de meu desejo não são os que eu acredito ser, por exemplo, a posse das riquezas, das belas coisas e dos belos corpos, que são os desejos imediatos da maior parte dos humanos (BOSCH, 1998, p.185).

### 2.2. O erro das definições anteriores da felicidade

Definir logo a felicidade como um estado de satisfação de todos os desejos é a concepção que todos fazem, o homem comum, bem como grande número de filósofos. Mas, o homem poderá viver neste estado? Poderá permanecer em tal estado? Nele, não ficaria reduzido a uma inação incompatível com a qualidade do ser vivo? Se todos os desejos estão satisfeitos, nada mais tem para obter. Minha felicidade já não tem nenhum sentido.

Isso que procuro, e todos os outros homens comigo, a felicidade, é portanto rigorosamente impossível. Ou então, reside noutra coisa que não num estado contínuo de satisfação, e fiz uma idéia errada dela, à imitação dos outros e de alguns filósofos. É o que afirma Aristóteles: o homem é um ser vivo, necessariamente ativo; sua felicidade, se ele é capaz de ter acesso a ela, não pode consistir num estado passivo (*Ibidem*, p.186-187).

### As obras

Aristóteles escreveu sobre muitos assuntos e deixou em todos os campos a marca indelével do seu gênio. Nas ciências, as suas classificações das plantas e dos animais se impuseram por vinte séculos, até Lineu.

Na lógica construiu um sistema de leis ao qual se acreditava, até meio século atrás, que não se poderia acrescentar mais nada. Seus escritos neste campo foram reunidos em uma obra denominada *Órganon* (Instrumento) e dividida em: *Categoriae* (Categorias), *De interpretatione* (Da Interpretação), *Priora analytica* (Primeiros Analíticos), *Analytica posteriora* (Segundos Analíticos), *Topica* (Tópicos).

Aristóteles tornou-se célebre especialmente por suas obras filosóficas. Como mais importantes podemos citar a *Metafísica* (14 livros), a *Física* (8 livros), a *Ética a Nicômaco* (10 livros), a *Política* (8 livros), o *Da Alma* (3 livros) o *Da Geração e da Corrupção* (2 livros), a *Poética* (1 livro, incompleto).

Platão; a segunda, o período em que foi preceptor de soberanos; a terceira, o período em que fundou e dirigiu a sua escola.

#### *Discípulo de Platão*

Aristóteles entrou para a Academia aos dezessete anos e nela permaneceu por mais vinte, até a morte de Platão. Enquanto freqüentava a Academia, e ainda depois, aceitava a filosofia de Platão, isto é, a teoria das Idéias. Nas primeiras obras (no *Diálogo da Filosofia*, por exemplo), ele se considera platônico e manifesta grande respeito e admiração pelo mestre. Depreende-se disso que ele descobriu seu sistema aos poucos, enquanto ia desenvolvendo sua crítica à doutrina das Idéias, crítica já iniciada, aliás, pelo próprio Platão.

#### *Preceptor de soberanos (347-336 a. C.)*

Depois da morte de Platão, Aristóteles deixou a Academia e se tornou primeiramente conselheiro de um governante, na Ásia Menor, e mais tarde, em 343, preceptor de Alexandre Magno. Neste período desenvolveu seu sistema e escreveu uma parte da *Metafísica*.

Com a subida de Alexandre Magno ao trono, em 336, Aristóteles deixou Tebas e, depois de uma breve permanência em Estagira, voltou para Atenas.

#### *Fundador da escola peripatética (335-322 a. C.)*

Em Atenas abriu, por conta própria, uma escola que recebeu o nome de “peripatética” porque ele dava suas preleções num corredor (*perípatos*) do Liceu. A sua escola era uma universidade como a de Platão, mas, à diferença desta, dedicava-se preferencialmente ao estudo das ciências naturais. Morreu em 322 a. C., pouco depois de seu grande discípulo, Alexandre Magno.

É por esse motivo que se pergunta se a felicidade deve ser adquirida pela aprendizagem, pelo hábito ou por alguma outra espécie de exercício, ou se ela nos é dada por alguma providência divina, ou ainda pelo acaso. Se alguma dádiva os homens recebem dos deuses, é razoável supor que a felicidade seja uma graça divina, e certamente o mais divino de todos os bens humanos, visto ser o melhor. Contudo, mesmo que a felicidade não seja uma graça concedida pelos deuses, mas nos venha como um resultado da virtude e de alguma espécie de aprendizagem ou exercício, ela parece incluir-se entre as coisas mais divinas, pois aquilo que constitui o prêmio e a finalidade da virtude parece ser o que de melhor existe no mundo, algo de divino e abençoado.

Desse ponto de vista, a felicidade também deve ser partilhada por grande número de pessoas, pois quem quer que não esteja mutilado em sua capacidade para a virtude pode conquistá-la por meio de um certo tipo de estudo e esforço. Mas se é preferível ser feliz dessa forma a sê-lo por acaso, é razoável supor que seja assim que se atinge a felicidade, já que tudo aquilo que ocorre por natureza é tão bom quanto poderia ser, e do mesmo modo acontece com o que depende da arte ou de qualquer causa racional, sobretudo se depende da melhor de todas as causas. Confiar ao acaso o que há de melhor e de mais nobre seria um completo contra-senso.

A resposta à questão que estamos levantando fica evidente pela nossa definição de felicidade, pois dissemos que ela é uma certa atividade da alma conforme a virtude. Dos outros bens, alguns devem necessariamente estar presentes como condições prévias da felicidade, e outros são naturalmente coadjuvantes e úteis como instrumentos (Aristóteles, 2003, p. 31).

## **1.2. Vida e obra de Aristóteles**

### *A vida*

A vida de Aristóteles (nascido em 384 a. C., em Estagira, na Trácia, e por isso chamado o Estagirita) pode ser dividida em três fases principais: a primeira compreende o período em que ele foi discípulo de

## 1.1. Concepção aristotélica de felicidade

Outra crença que se harmoniza com a nossa concepção é a de que o homem feliz vive bem e age bem, visto que definimos a felicidade como uma espécie de boa vida e boa ação. Além disso, todas as características que se costuma buscar na felicidade também parece incluir-se na nossa definição. Com efeito, algumas pessoas identificam a felicidade com a virtude, outras com a sabedoria prática, outras com uma espécie de sabedoria filosófica, e outras, ainda, a identificam com tudo isso, ou uma delas, acompanhadas do prazer, ou sem que lhe falte o prazer, e finalmente outras incluem a prosperidade exterior.

*“Também nossa concepção se harmoniza com a dos que identificam a felicidade com a virtude em geral ou com alguma virtude particular, pois a felicidade é a atividade conforme a virtude” (ARISTÓTELES, 2003, p.29).*

A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados como na inscrição existente em Delfos: “Das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém, a mais doce é ter o que amamos”. Todos esses atributos estão presentes nas mais excelentes atividades, e entre essas – a melhor –, nós a identificamos com a felicidade.

Porém, como dissemos, a felicidade necessita igualmente dos bens exteriores, pois é impossível, ou pelo menos não é fácil, praticar ações nobres sem os devidos meios. Em muitas ações usamos como instrumentos os amigos, a riqueza e o poder político; e há coisas cuja ausência empana a felicidade – como a estirpe, a boa decência, a beleza. De fato, o homem de má aparência, ou mal-nascido, ou solitário e sem filhos, não tem muitas probabilidades de ser feliz, e tê-las-ia ainda menos se seus filhos ou amigos fossem extremamente maus, ou se a morte lhe houvesse roubado bons filhos ou bons amigos.

*“Como dissemos, pois, o homem feliz parece necessitar também desse tipo de prosperidade, e é por isso que algumas pessoas identificam a felicidade com a boa fortuna, embora outros a identifiquem com a virtude” (Ibidem, p.30).*

## CAPÍTULO I

### O QUE É A FELICIDADE?

Quase todas as pessoas estão de acordo, tanto os leigos como os homens de cultura superior dizem que o bem supremo é a felicidade e consideram que o bem viver e o bem agir equivalem a ser feliz; porém, divergem a respeito do que seja a felicidade, e o leigo não sustenta a mesma opinião dos sábios.

A maioria das pessoas pensa que se trata de alguma coisa simples e óbvia, como o prazer, a riqueza ou as honras, embora discordem entre si; e muitas vezes o mesmo homem a identifica com diferentes coisas, dependendo das circunstâncias: com a saúde quando está doente, e com a riqueza quando é pobre... (Aristóteles, 2003, p. 20)

Um exame dos tipos principais de vida mostra que as pessoas de maior refinamento e de índole mais ativa identificam a felicidade com a honra, pois a honra é, pode-se dizer, o objetivo da vida política. Todavia, isso parece ser demasiadamente superficial para ser o que buscamos, visto que a honra depende mais de quem a concede que de quem a recebe, ao passo que nos parece que o bem é algo próprio de um homem e que dificilmente lhe poderia ser tirado.

Chamamos aquilo que merece ser buscado por si mesmo mais absoluto do que aquilo que merece ser buscado por causa de outra coisa, e aquilo que nunca é desejável no interesse de outra coisa chamamos mais absoluto do que as coisas desejáveis tanto em si mesmas como no interesse de uma outra. Por isso, chamamos de absoluto e incondicional aquilo que é sempre desejável em si mesmo e nunca no interesse de outra coisa.

Ora, parece que a felicidade, acima de qualquer outra coisa, é considerada como esse sumo bem. Ela é buscada sempre por si mesma e nunca no interesse de uma outra coisa; enquanto a honra, o prazer, a razão, e todas as demais virtudes, ainda que as escolhamos por si mesmas (visto que a escolheríamos mesmo que nada delas resultasse), fazemos isso no interesse da felicidade, pensando que por meio dela seremos felizes. Mas a felicidade ninguém a escolhe tendo em vista alguma outra virtude, nem, de uma forma geral, qualquer coisa além dela própria (Aristóteles, 2003, p. 26).

sua meta, seu objetivo, a realização de sua natureza ou ainda a consumação de sua essência, daquilo que define o essencial de seu ser.

Ele entrevê toda uma série de condições políticas para a felicidade. Segundo ele, é impossível ser feliz se não se é livre, se se é impedido de dedicar-se a uma atividade verdadeiramente humana.

## INTRODUÇÃO

O primeiro capítulo nos mostra alguns pontos sobre o que vem a ser a ética aristotélica. O objeto da ética aristotélica é o estudo da felicidade como bem supremo.

A felicidade consiste na plena realização das próprias capacidades. Partindo desse princípio, Aristóteles demonstra que a felicidade do homem não pode consistir nas riquezas, nem nas honrarias, nem nos prazeres, porque nenhuma dessas coisas representa a plena realização das capacidades humanas.

Para Aristóteles, é a finalidade última do homem, o bem supremo. Ele apresenta duas características fundamentais da felicidade: a primeira é: deve ser sempre escolhido por si próprio e nunca como um meio de se atingir outra coisa. Se a felicidade é a finalidade última do homem e está na constante busca deste fim último da vida, não pode ser qualquer coisa. Por isso, o objetivo da vida está muito além de qualquer bem material que possamos possuir.

Também ele se harmoniza com a concepção dos que identificam a felicidade com a virtude em geral ou com alguma virtude particular, pois a felicidade é a atividade conforme à virtude.

Ele questiona também se a felicidade deve ser adquirida pela aprendizagem, pelo hábito ou por alguma outra espécie de exercício, ou se nos é dada por alguma providência divina, ou ainda pelo acaso. Contudo, mesmo que a felicidade não seja uma graça concedida pelos deuses, mas que nos venha como um resultado da virtude e de alguma espécie de aprendizagem ou exercício, ela parece incluir-se entre as coisas mais divinas, pois aquilo que constitui o prêmio e a finalidade da virtude parece ser o que de melhor existe no mundo, algo de divino e abençoado.

No segundo capítulo, Aristóteles (2003) nos diz que a verdadeira felicidade encontra-se numa certa atividade que seja a finalidade do homem,

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	6
<b>Capítulo I – O que é a felicidade?</b> .....	8
1.1. Concepção aristotélica de felicidade.....	9
1.2. Vida e obra de Aristóteles .....	10
<b>Capítulo II – A sabedoria suprema</b> .....	13
2.1. Atividade da felicidade .....	13
2.2. O erro das definições anteriores da felicidade .....	13
2.3. A felicidade na atividade conforme à minha natureza.....	14
2.4. Alegria do conhecimento.....	14
2.5. Prazer efêmero e satisfação profunda .....	14
2.6. A escravidão.....	15
2.7. A magnanimidade .....	15
2.8. Sabedoria e virtude .....	16
2.9. A contemplação metafísica .....	16
<b>Conclusão</b> .....	18
<b>Referências bibliográficas</b> .....	19

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que conduziu-me nesta caminhada em cada instante e fortaleceu-me nos momentos mais difíceis com sua presença constante em meu coração.

Aos meus pais, Antônio e Eulália, que nunca mediram esforços para que eu sempre trilhasse o caminho do bem.

Aos meus filhos, Júnior e Patrícia, com muito amor, por serem a minha fonte de inspiração.

Ao meu esposo, Ilton que é parte fundamental de minha vida.

Ao meu netinho João Victor que, com seu sorriso, me ensina que a vida é um eterno recomeço e que veio para completar a minha felicidade.

Aos meus irmãos, em especial minha irmã Cácia, pelo incentivo e pela força, amor, paciência e compreensão que tiveram comigo durante esses anos de curso.

Enfim, a todos os meus familiares, professores, especialmente ao professor Rogério, meu orientador, colegas e a todos que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento.

Obrigada!

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Data: 31 de maio de 2005

Hora: 21:45 h

Local: Sala do 7º Período de Filosofia

Acadêmico(a): CLEUNICE DE FÁTIMA ALVES MENDONÇA

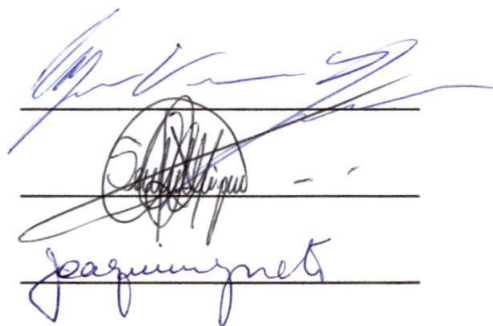
Tema: A felicidade na concepção aristotélica

Componentes da Banca:

Orientador(a): Rogério Vieira Jacinto

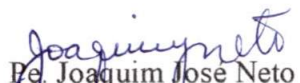
Sandro Henrique Ribeiro

Joaquim José Neto



Nota: 95

Rubiataba, 31 de maio de 2005

  
Pe. Joaquim José Neto  
Coordenador do Curso

És precária e veloz, felicidade.  
Custas a vir, e, quando vens, não te demoras.  
Fostes tu que ensinaste aos homens que havia tempo,  
E, para te medir, se inventaram as horas.

Felicidade, és coisa estranha e dolorosa.  
Fizeste para sempre a vida ficar triste:  
Porque um dia se vê que as horas todas passam,  
E um tempo, despovoado e profundo, persiste.

Cecília Meireles

“Se alguma dádiva os homens recebem dos deuses, é razoável supor que a felicidade seja uma graça divina e certamente o mais divino de todos os bens humanos, visto ser o melhor.”

*Aristóteles*

Cleunice de Fátima Alves Mendonça



## FELICIDADE NA CONCEPÇÃO ARISTOTÉLICA

Trabalho monográfico apresentado à banca examinadora da FACER, presidida pelo professor Rogério Vieira Jacinto, como requisito parcial para conclusão do curso de Filosofia.

*Daou - 30794*

Tombo nº	<i>10540</i>
Classif.:	.....
Ex.:	<i>1</i>
	.....
	.....
Origem:	<i>d</i>
Data:	<i>09-09-05</i>

Centro de Ensino Superior de Rubiataba – CESUR  
Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER

## **FELICIDADE NA CONCEPÇÃO ARISTOTÉLICA**

Cleunice de Fátima Alves Mendonça

2005